

29

*Katia Isabelli Melo
Universidade de Brasília*

*Rita de Cássia São Paio Azevedo Esteves
Dataprev*

ASSOCIATIVISMO ARQUIVÍSTICO:

**UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DE SEUS
REPRESENTANTES**

A primeira iniciativa de criação de associação de arquivistas em âmbito nacional data de 1971, com o surgimento da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), que constitui seu marco histórico mais significativo. A proposta da AAB pugnava por defender os arquivistas e os arquivos, conforme estabelecido em seu Estatuto, em três alíneas do artigo 2º, reproduzidas a seguir: “a) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural do arquivista; b) cooperar com o governo e organizações nacionais, estrangeiras e internacionais, públicas ou privadas, em tudo que se relacione com Arquivos e documentos; [...] h) pugnar por uma legislação nacional sobre arquivos, tendo em vista a sua importância administrativa e cultural”. Em 2021, portanto, o movimento associativo de arquivistas completou 50 anos de engajamento e lutas em defesa dos arquivos e dos arquivistas.

Como contribuição para o resgate da história do movimento, está em fase de desenvolvimento uma pesquisa que apresenta os principais atores que atuaram, ao longo dos anos, na gestão das diretorias das associações profissionais de arquivistas no Brasil. Ao registrar a história do movimento associativo de arquivista, buscam-se elementos que contribuam para revelar a trajetória desses profissionais dedicados que doaram, voluntariamente, suas vivências e, por meio de ações coletivas, construíram um legado que se manteve para as futuras gerações de arquivistas. A investigação identificou a ausência de informações consolidadas acerca das composições desses grupos, e lacunas na história do próprio movimento associativo. Soma-se a isso o fato de que a produção científica da área de Arquivologia registra pouca literatura sobre o associativismo e, sobretudo, sobre o surgimento do movimento.

No que se refere às limitações da investigação, a proposta é um recorte da pesquisa inserida em um *ebook* que está em processo de construção e que registra a história do movimento associativo de arquivistas e do seu corpo diretivo. O projeto para a publicação do *ebook* surgiu por ocasião da 4ª Semana Nacional de Arquivos,

realizada em 2020, no formato *online*, promovida pela Associação dos Arquivistas da Paraíba (AAPB), em parceria com o Grupo de Estudos Arquivísticos (GEArq). Parte da história da Arquivologia é respaldada pelo movimento associativo e pelos profissionais que atuaram, de forma abnegada, para a visibilidade da área e pelo estabelecimento do espaço de trabalho. Portanto, buscou-se reconhecer os investimentos que foram realizados e registrar o legado das associações e, fundamentalmente, reconhecer o trabalho desenvolvido por esses atores, muitas das vezes anônimos, mas que contribuíram significativamente com o movimento. Pretende-se construir uma cronologia, com dados parciais, da participação dos representantes respondendo indagações acerca dos espaços e períodos da atuação, com destaque para a formação profissional.

Como aporte metodológico, a pesquisa, de caráter exploratório, adotou um questionário como instrumento para a coleta de dados, complementado com o recurso da história oral conhecida por entrevistas com os profissionais. Insere-se, ainda a pesquisa bibliográfica que se respaldou em publicações editadas pelas associações, que registram a composição das diretorias e aquelas produzidas pela AAB, como a revista *Arquivo & Administração* e o *Boletim*. A investigação buscou, ainda, fontes primárias, sobretudo nas atas das reuniões, e constatou diversas lacunas nos registros temporais.

A fundamentação teórica pauta-se na obra de Souza (2011), que estabelece uma tríade relacionada ao profissional arquivista configurada pela formação, associativismo e mercado de trabalho. Buscou-se nas análises sobre o movimento associativo no capítulo destinado ao associativismo.

Com base na análise quali-quantitativa, pretende-se registrar os integrantes dos cargos diretivos das associações profissionais e o quadro evolutivo com a respectiva formação profissional.

PANORAMA DAS ASSOCIAÇÕES DE ARQUIVISTAS

O movimento associativo conta com a participação dos seguintes elementos: uma instituição representativa, um grupo de associados e um corpo diretivo. Esse é composto majoritariamente por profissionais voluntários que administram as associações, promovem eventos e cursos, realizam campanhas, atuam como órgão de fiscalização ao sinalizar irregularidades em concursos públicos que disponibilizam vagas para arquivistas e técnicos de arquivo, prestam serviços de consultoria arquivística, publicam revistas científicas e livros e desempenham outras atividades.

No campo associativo, durante 27 anos, ou seja, até 1998, os arquivistas contaram com uma única representação institucional, a AAB, e seus Núcleos Regionais com presença marcante nas principais capitais do país. Como legítimos representantes, isto é, nos cargos diretivos, a AAB contava com profissionais com formação variada considerando que a formação superior em Arquivologia ainda não estava institucionalizada. Isso ocorreu apenas em 1977, com o curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A composição da Diretoria da AAB, conforme estabelecido no primeiro Estatuto, de 1971, tinha seis representantes distribuídos nos cargos de Presidente, Vice-Presidente, Primeiro(a) Secretário(a), Segundo(a) Secretário(a), Primeiro(a) Tesoureiro(a) e Segundo(a) Tesoureiro(a), sendo os integrantes indicados pelo Conselho Deliberativo.

Com a extinção dos Núcleos Regionais da AAB, em 1998, outras associações foram criadas, o que possibilitou uma maior representatividade para a o movimento associativo. De certa maneira, a composição das diretorias se manteve com devidas adequações terminológicas. Por exemplo, algumas associações introduziram

o cargo de Diretor como o principal responsável pela instituição contrapondo-se ao termo Presidente, até então adotado.

No campo científico, destaca-se a realização de eventos que promoveram os arquivos, sendo o primeiro ocorrido em 1972, Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), organizado pela AAB, que se constituiu como um marco na história do movimento associativo de arquivistas ao mesmo tempo em que se revelou um de seus maiores legados. Com proposta semelhante, tempos depois, em 2004, a Associação Brasileira de Arquivologia (Abarq), com o apoio do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília, organizou o Congresso Nacional de Arquivologia (CNA), caracterizando as novas associações profissionais como promotoras dos congressos científicos da área.

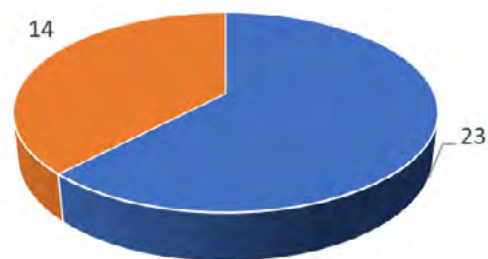
A pesquisa de Souza (2011) aborda o associativismo de arquivistas e constitui a primeira referência sobre o tema no Brasil. No capítulo destinado às associações profissionais, a autora registra a síntese dos objetivos dos coletivos profissionais no Brasil, com base em seus estatutos. Observou-se que um dos objetivos frequentes dessas instituições se refere à outorga de distinções aos profissionais que se destaquem na causa arquivística. Partindo dessa premissa e como proposta inédita e original, esta pesquisa resgata os profissionais que atuaram, voluntariamente, na composição das diretorias das associações profissionais dando a conhecer a formação profissional e os principais legados de suas gestões.

PRIMEIROS RESULTADOS

A pesquisa reflete os resultados obtidos por 37 entrevistados, uma parcela do somatório total dos diretores. Uma das variáveis do questionário refere-se ao sexo e constatou-se que a participação

feminina se mostrou mais presente no início do movimento associativo. Ainda que seja observada a introdução de integrantes do sexo masculino, manteve-se a predominância de dirigentes do sexo feminino (23 respondentes), conforme indicado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Diretores segundo o sexo



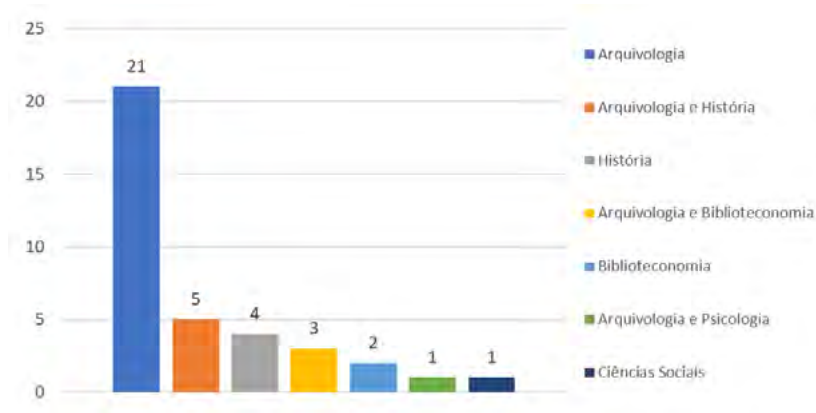
■ Feminino ■ Masculino

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Outra variável da pesquisa revelou a formação formal dos legítimos representantes. Observou-se que até a década de 1980 a formação dos presidentes da AAB era, majoritariamente, composta pelos cursos de Biblioteconomia e de História justificada pelo baixo índice de cursos de Arquivologia à época. Acerca dos espaços de formação em Arquivologia, três até então, o estado do Rio de Janeiro contribuía com dois cursos, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (Unirio), e na Universidade Federal Fluminense, (UFF), sendo que a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, tem referência como primeiro curso criado. Posteriormente, com a ampliação dos cursos de Arquivologia no país e o aparecimento das novas associações, o reflexo na composição do corpo diretivo é sentido com a ocupação majoritária de arquivistas, ainda que se manteve um percentual de profissionais de áreas afins, conforme apontado no Gráfico 2.

No total dos entrevistados, 21 possuem formação em Arquivologia, o que representa 57%. Incluem-se como as demais formações os cursos de Biblioteconomia, História e Ciências Sociais. Observa-se, entretanto, que uma parcela dos diretores possui dupla formação sendo três cursos registrados, ademais do curso de Arquivologia, sendo História, Biblioteconomia e Psicologia.

Gráfico 2 – Formação dos diretores

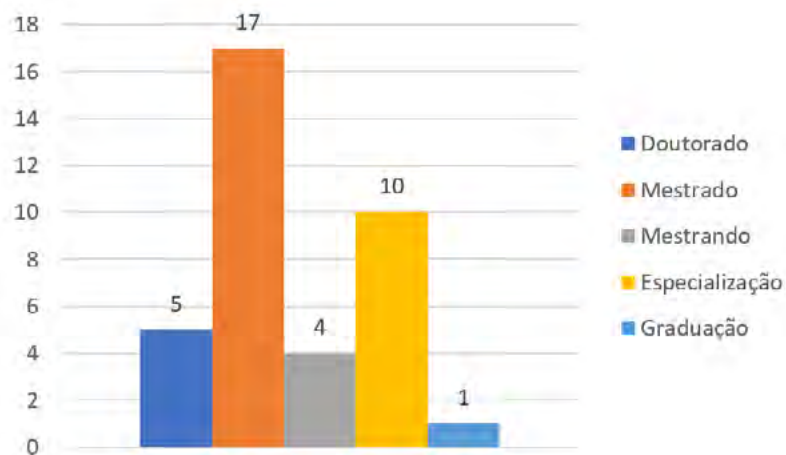


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na continuidade, buscou-se analisar outra variável, a formação continuada. Em relação aos resultados, diferindo do que foi apresentado anteriormente na pesquisa de Souza (2011), que indicava um percentual ínfimo de arquivistas com formação continuada, constata-se que, atualmente, uma parcela dos arquivistas envolvida com a causa do associativismo tem formação em Arquivologia e concluiu os cursos de pós-graduação nas áreas de ciência da informação no Brasil e no exterior. Conforme o Gráfico 3, a maior incidência (17 participantes) registra-se com os dirigentes que cursaram mestrado. Em seguida, com dez indicações, surgem os que fizeram especialização. Cinco dos dirigentes têm doutorado e quatro são mestrandos, ao passo que somente um profissional registrou ter apenas graduação.

A participação nas diretorias das associações profissionais constitui uma ação voluntária que implica na administração de tempo para o desempenho das competências afetas ao cargo em paralelo com o exercício profissional. Um dos fatores diretamente indicados, e que contribui para que ocorram desligamentos momentâneos ou mais duradouros das associações, refere-se à carreira acadêmica. Os entrevistados mostraram-se comprometidos com a formação continuada o que provoca, num primeiro momento, o distanciamento das funções diretivas por meio de solicitação de afastamento das diretorias e, posteriormente, o próprio desligamento dos cargos ocupados.

Gráfico 3 – Formação continuada

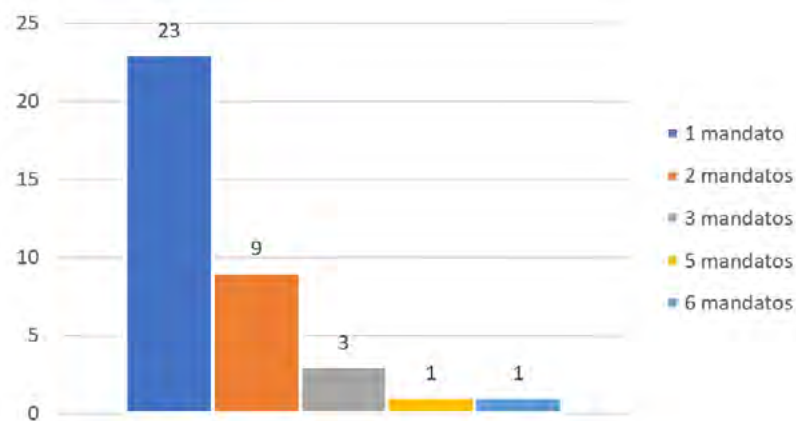


Fonte: Elaborado pelas autoras.

No que se refere aos associados, a obra de Souza (2011) salienta que, algumas das associações criadas no período pós 1998, surgem com caráter exclusivista, ou seja, permitem a vinculação somente aos arquivistas e discentes do curso de Arquivologia tanto nas diretorias como no corpo de associados. Contudo, o regramento abrange poucas associações facultando aos profissionais de áreas afins a composição do quadro de associados e mesmo dos cargos diretivos.

A pesquisa revelou que alguns entrevistados percorreram diversos cargos nas diretorias das associações profissionais, fato recorrente no início da AAB. Na análise dos mandatos, foram considerados somente os cargos de Presidente. No caso da AAB, a Diretoria era indicada pelo Conselho e, posteriormente ocorreram eleições. Por sua vez, os Núcleos realizavam assembleias com os membros para a composição das diretorias e comunicavam à AAB. O mesmo se aplicava às associações criadas posteriores a 1998, com eleições definidas nas assembleias. Constatou-se que a maior incidência se dá com 23 entrevistados que atuaram em apenas um mandato, representado no Gráfico 4. Na sequência, nove entrevistados participaram com dois mandatos, ainda que em períodos distintos. Integrando três mandatos, foram identificados três entrevistados. Com maior número de mandatos, cinco e seis, registrou-se um entrevistado em cada situação, com atuação na sequência temporal.

Gráfico 4 - Quantidade de mandatos



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Outra constatação refere-se à participação de dirigentes de diferentes espaços geográficos. Inicialmente, os membros da diretoria da AAB concentravam-se no Rio de Janeiro ainda que alguns

integrantes fossem de São Paulo. Contudo, atualmente, as barreiras geográficas foram dissipadas facultando ao corpo diretivo de determinadas associações ser composto por integrantes de outros estados, situação que ocorre na Associação dos Arquivistas de São Paulo, por exemplo.

Como fator diferenciador na constituição das diretorias da AAB, uma parcela das associações que surgiram após 1998, integram, nos cargos diretivos, discentes de cursos de Arquivologia o que possibilita uma abertura para as novas gerações. À exceção dos cargos de Presidente e Vice-Presidente, os discentes podem atuar como substitutos dos Secretários, Tesoureiros ou mesmo na coordenação de grupos de trabalho.

Algumas intercorrências ocorreram nas gestões, causando ajustes no corpo diretivo. Nessas situações o afastamento do Presidente ou Diretor provoca a troca pelo seu substituto, mas poucas alterações foram percebidas na composição das diretorias. Contudo, por outro lado, observou-se a continuidade de diretores em determinadas associações. Constata-se que a contribuição voluntária desses profissionais tem sido o motivo de êxito nos resultados das ações ocorridas em prol do fortalecimento da classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de diversas abordagens relacionadas ao profissional, inclusive a sua práxis, um dos destaques da pesquisa consistiu na identificação do estágio de formação dos arquivistas que, na ocasião, apontou um baixo índice de profissionais com formação continuada, incluindo pós-graduação. Passados doze anos da pesquisa de Souza (2011), priorizou-se identificar a evolução do nível de formação dos arquivistas que atuam nos cargos diretivos das associações profissionais com formação

formal. Observa-se que o movimento associativo se mantém com representação de profissionais de áreas afins, ainda que em percentual reduzido. O espaço geográfico não se revela como elemento dificultador para a participação nas associações, considerando que profissionais de qualquer região brasileira podem integrar as associações existentes, ocorrendo da mesma forma com o corpo diretivo em que determinadas associações estão compostas por profissionais de outros estados. Outro aspecto analisado refere-se aos discentes dos cursos de Arquivologia que passam a compor algumas gestões das diretorias, ainda que sem atuação em cargos diretivos. Houve algumas intercorrências nas gestões, o que causou ajustes no corpo diretivo. Contudo, por outro lado, constatou-se a continuidade de diretores em determinadas associações. Ressalta-se que tem sido justamente a contribuição voluntária desses profissionais o motivo de êxito nos resultados das ações ocorridas em prol do fortalecimento da classe.

O breve panorama apresentado constitui um espaço de reconhecimento da participação dos profissionais que, com esforço e dedicação, mantiveram atuante o movimento associativo de arquivistas. Ainda que tenham ocorrido intempéries, a busca pelo reconhecimento profissional do arquivista na sociedade tem sido um dos pilares das associações e de seus legítimos representantes. Convoca-se as novas gerações de profissionais para que conheçam e participem ativamente do movimento associativo a fim de manterem e darem voz aos profissionais arquivistas em seus ambientes de trabalho.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS. AAB. **Estatuto**. Rio de Janeiro, 1971.

ALMEIDA, S. S. de; FEITOZA, R. A. de B.; FELIX, R. S. Panorama do associativismo dos arquivistas na Paraíba. **Revista Analisando em Ciência da Informação**. João Pessoa. v. 6, n. especial, p. 714-728, out. 2018.

CASTRO, A. de M.; CASTRO, A. de M.; GASPARIAN, D. de M. e C. **Arquivística = técnica, Arquivologia = ciência.** Brasília, ABDF, 1985.

ESTEVES, R. de C. S. P. A.; MELO, K. I. M. de ; FLORES, D.; MACHADO, E.; SALES, E. Associativismo e Conselho empoderando a comunidade arquivística. **4ª Semana Nacional de Arquivos.** Grupo de Estudos Arquivísticos. Live Associativismo e Conselho empoderando a comunidade arquivística. jun., 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uV0dEJ29Glg&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 jul. 2023.

LIMA, E. dos S.; PEDRAZZI, F. K. P. Formação, atuação, regulamentação e associativismo profissional do arquivista brasileiro. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 28, n. 01, p. 27 - 45, jan/abr 2015.

SANTOS, S. L. F. dos; SILVA, K. K. P. R. Associativismo e visibilidade profissional: reconhecendo o papel do arquivista na sociedade. **RACIn**, João Pessoa, v. 6, n. especial, p. 682-696, out. 2018.

SILVA, E. P.; ORRICO, E. G. D. A organização coletiva dos trabalhadores dos arquivos no Brasil da década de 1970. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 27, nº 1, p. 293-304, jan./jun. 2014.

SOUZA, K. I. M. de. **Arquivista, visibilidade profissional:** formação, associativismo e mercado de trabalho. Brasília: Starprint, 2011.